

**DO PRESIDENTE DO SENADO FEDERAL, SENADOR
RODRIGO PACHECO**

Cerimônia de inauguração da Casa da
Cidadania da Língua, em Coimbra,
Portugal.

Senhoras e Senhores,

É com satisfação que volto a Coimbra para prestigiar a inauguração desta Casa da Cidadania da Língua.

A escolha da sede da nova instituição não poderia ter sido mais oportuna.

Coimbra sedia uma das mais tradicionais instituições de ensino do mundo, mas também uma das mais modernas. É uma metáfora da nossa língua: combina uma herança gloriosa e uma renovação constante; o peso do passado e o dinamismo do futuro.

Enfim, a cidade de Coimbra proporciona um acolhimento excepcional a uma iniciativa como essa.

Eu começo minha fala citando uma das frases mais célebres da literatura. Vem de Fernando Pessoa, que, no “Livro do Desassossego”, escreveu:

“Minha pátria é a língua portuguesa.”ⁱ

O trecho da frase faz referência ao “sentimento patriótico” que a língua inspirava — não num sentido ufanista, que Fernando Pessoa de pronto descarta; mas numa evidência do amor e do zelo que o imenso poeta português tinha pelo idioma.

Como toda boa citação, o pensamento de Fernando Pessoa repercutiu e ainda repercute ao longo da história.

A maneira como repercutiu ressalta que a língua portuguesa tem uma importante **vocação cidadã**. E essa vocação, esse vínculo entre a língua e a cidadania, evoluiu e se transformou com o passar dos anos.

José Saramago, outro luminar português, reconheceu a diversidade do mosaico linguístico, ao declarar: “*Não há uma língua portuguesa, há línguas em português*”.

Saramago reconheceu a riqueza da vivência das antigas colônias, no que toca a língua portuguesa.

O moçambicano Mia Couto, um dos maiores escritores da atualidade, reforçou esse ponto de vista quando disse: “*a minha pátria é a **minha** língua portuguesa*”.

E Caetano Veloso, um dos grandes da cultura do meu país, cantou: “*A língua é a minha pátria / E eu não tenho pátria, tenho **mátria** / E quero **frátria***.”

“Frátria”. A língua portuguesa, antes instrumento de dominação, hoje em dia traz em si desejo de irmandade, de equivalência. Reflete a identidade da lusofonia contemporânea, do projeto da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, a CPLP.

Nós, países lusófonos, já não somos império e colônias. Somos países amigos, países parceiros, países **irmãos**.

A língua portuguesa é o oceano que todos compartilhamos. A língua portuguesa é patrimônio da Humanidade, e somos todos filhas e filhos da Humanidade.

Mas o momento atual dos vínculos entre cidadania e língua expressa-se ainda melhor nas palavras de Conceição Evaristo. Linguista, pesquisadora, professora universitária, doutora em Literatura Comparada, essa brilhante mulher negra do Estado de Minas Gerais escreveu no poema “Vozes-Mulheres”:

*“A voz de minha filha / recolhe todas as nossas vozes /
recolhe em si / as vozes mudas caladas/ engasgadas nas
gargantas.”ⁱⁱⁱ*

Como os versos indicam, a voz de quem fala é um tema essencial nas relações entre língua e política. Nas democracias, os indivíduos precisam ter voz.

Pois a iniciativa que hoje inauguramos, esta Casa da Cidadania da Língua, é marcadamente política. Ela surge como a filha

do eu-lírico de Conceição Evaristo: recolhe e traz à tona “as vozes mudas, caladas, engasgadas”.

Nesse contexto, nossa missão não é mais a de celebrar a língua portuguesa em si mesma, mas a de celebrar as **peessoas** que falam essa língua.

Nossa missão não é mais a de homenagear as diferentes pátrias que adotam o português, mas a de valorizar os **povos** que compõem essas pátrias.

Nossa missão segue sendo a de dar **voz** às pessoas. Voz aos marginalizados, voz aos periféricos, voz aos desvalidos.

A esse respeito, ressalto que os dias de hoje têm visto o povo conquistar sua voz. Uma voz que é ativa e que fala cada vez mais alto. Uma voz que não se deixa calar, como ilustra a história de vida da própria Conceição Evaristo — uma das mentes mais lúcidas do Brasil atual.

Esta é uma obra em andamento, uma obra que nunca termina.

Mas não nos limitemos a isso, a dar voz às pessoas; precisamos também dar-lhes **ouvidos**. Ouvi-las falar, gritar, escrever, recitar, encenar, cantar.

Interpretar as histórias da lusofonia. Reconhecer nessas histórias a variedade de matizes, de acentos, de narrativas. Entender que é por meio delas que uma sociedade vive e pulsa.

A cidadania de uma língua passa por **isso**. Essa é a nossa missão.

Também vale a pena lembrar, Senhoras e Senhores, o que a cidadania da língua *não* é.

A cidadania da língua *não* é critério de assimilação. A cidadania da língua *não* é vínculo exclusivo. A cidadania da língua *não* legitima discriminação ou preconceito segundo critérios de alfabetização, acento, fluência ou ajuste à norma culta.

Porque a cidadania, Senhoras e Senhores, não é, nem nunca será, muro ou barreira entre os povos. A cidadania não é, nem nunca será, um impeditivo para as pessoas exercerem seus direitos.

A cidadania da língua é o oposto disso tudo.

Admitir a cidadania da língua como premissa significa reconhecer, no idioma, o poder de acolher, de unir as pessoas, de tecer narrativas, de despertar empatias.

Admitir a cidadania da língua como premissa significa reconhecer o papel do ensino da língua, das artes, da educação e da cultura em aproximar as sociedades — e trabalhar por esse ideal.

Admitir a cidadania da língua como premissa significa manifestar vontade de paz, harmonia e união entre as nações.

É disso que tratamos aqui.

Para concluir, Senhoras e Senhores,

A língua é patrimônio social e cultural. Não pertence ao Estado, mas aos seus falantes.

Não é à toa que uma instituição como a Casa da Cidadania da Língua resulta de um pacto que é, em essência, um **pacto cidadão** entre **instituições cidadãs**.

Um pacto entre representantes dos povos e da sociedade civil. Um acordo entre dois parlamentos, o Senado Federal brasileiro e a Câmara Municipal de Coimbra, e uma entidade sem fins lucrativos, a Associação Portugal Brasil 200 Anos.

Um acordo que ainda conta com a participação de instituições de peso, como a Universidade Federal de Minas Gerais, o Instituto Camões e a Universidade de Coimbra.

O esforço que temos feito para aproximar nossas culturas tem dado excelentes resultados — como vimos nas comemorações do bicentenário da Independência do Brasil, com os projetos “*200 anos, 200 livros*” e “*Casa da Cidadania e da Língua*”.

Quero, então, concluir minha fala fazendo votos para que esta iniciativa sirva não só cidadãos de Brasil e Portugal, mas de todos os países lusófonos — e de outros países também.

Que nossas trocas sejam cada vez mais intensas; nossos laços, cada dia mais fortes; e que nossa língua comum aproxime cada vez mais as nossas culturas e as nossas pátrias.

Muito obrigado!

Notas:

ⁱ Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego* (<http://www.luso-livros.net/>, [s.d.]), 326.

ⁱⁱ *Língua - Vidas em Português*, 2013,

<https://www.youtube.com/watch?v=JBmLzbjmhg>.

ⁱⁱⁱ Ana Claudia Duarte Mendes, “‘Vozes-Mulheres’, de Conceição Evaristo” 17 (2009).